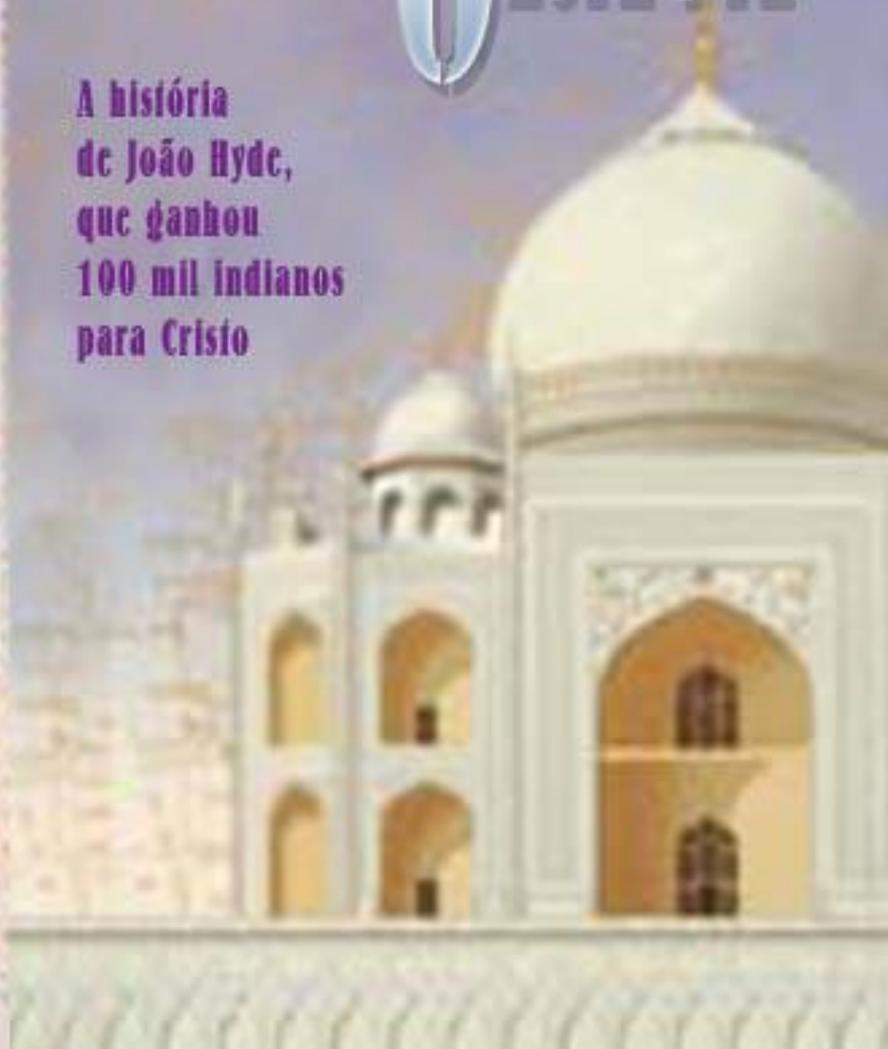




Francisco A. McGaw

O HOMEM QUE ORAVA

**A história
de João Hyde,
que ganhou
100 mil indianos
para Cristo**



Francisco A. McGaw

O Homem que Orava

A história de João Hyde, que ganhou 100 mil indianos para Cristo

Editora CPAD

ISBN: 85-263-0325-2

Digitalizado por Zica



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

Sumário

NOTA DO TRADUTOR.....	4
1 PREPARAÇÃO.....	6
CRISTO NO LAR	6
DÁ-ME ALMAS OU MORREREI.....	10
OS PRIMEIROS ANOS NA ÍNDIA.....	14
TRÊS HOMENS	18
2 AS CONVENÇÕES EM SIALKOT.....	22
O HOMEM QUE ORAVA (1904).....	22
CORAÇÕES QUEBRANTADOS (1905).....	25
O CORDEIRO SOBRE SEU TRONO (1906)	32
RISO SANTO (1907).....	37
ORAÇÃO E VIGÍLIA (1908)	40
UMA ALMA POR DIA (1908).....	46
DUAS ALMAS POR DIA (1909).....	49
QUATRO ALMAS POR DIA (1910).....	52
3 TESTEMUNHOS.....	62
VIDAS TRANSFORMADAS.....	62
SANTIDADE AO SENHOR.....	72
O SALMO VINTE E DOIS.....	77
4 DOENÇAS E VITÓRIAS.....	83
CALCUTÁ E O MÉDICO	83
NA INGLATERRA NOVAMENTE.....	90
EM CASA	95
VITÓRIA.....	97

Nota do tradutor

Exceto a Bíblia, qual é, leitor, o livro que exerceu maior influência sobre a sua vida? Eu sei que é difícil responder a essa pergunta. Muitos crentes, porém, acham que a presente obra os inspirou mais do que qualquer outro livro que tenham lido. A história da vida de João Nelson Hyde aparece em várias edições e em diversos idiomas. Esse missionário foi um verdadeiro herói. Ele teve de aprender algumas das mais difíceis línguas, a fim de poder trabalhar em um dos campos mais difíceis do mundo, a Índia. Morava em uma choça de taipa, em uma vila de Punjab. Em sete anos o número de salvos, somente nas cem vilas circunvizinhas, elevou-se a 1.200.

Além disso, trabalhava muito nas grandes cidades da Índia, onde "multidões foram estrangidas a cair de joelhos pelas orações que pronunciou quando cheio do Espírito Santo".

"João Hyde não pregou muito sobre sua própria experiência de santificação, mas a sua vida era santa. Sua vida era um sermão. Não falou muito acerca da oração. Mas ele orava". Pouco antes de falecer, escreveu à sua irmã: "Estou ainda acamado, mas descansando e passando muito tempo em intercessão".

O Homem Que Orava é tradução do livro "**Praying Hyde**", por Francisco A. McGaw. A obra é de leitura agradável. Cada vez que se lê descobrem-se jóias que dão ainda mais valor à íntima comunhão com nosso Criador.

Orlando Boyer Rio, 1953

Preparação

CRISTO NO LAR

Jesus disse: "*Hoje me convém pousar em tua casa*" (Lucas 19.5). Que dia abençoado para a família de Zaqueu - Cristo no lar! João Hyde, cognominado pelos amigos, o *Apóstolo da oração*, criou-se em um lar onde Jesus era hóspede permanente e onde os membros da família viviam sempre no ambiente vitalizante de oração. Eu conheci intimamente o pai de João, Smith Harris Hyde, durante os dezessete anos em que pastoreou a Igreja Presbiteriana em Carthage, Illinois. O Dr. Herrick Johnson, pouco antes de falecer, escreveu: "O pai de João Hyde era de extraordinária grandeza de espírito, de alma robusta e alegre, de estudos esmerados, de ânimo

transbordante e de propósito fixo em servir a Deus de todo o coração'. '

Sei, por contato pessoal no lar, que o pai de João Hyde era um esposo carinhoso e cortês. Era um pai de firmes convicções; embora compassivo, ordenava "a seus filhos e a sua casa depois dele". Conheci a Sr^a Hyde, gentil, apaixonada pela música e, na conduta, sempre exemplificando a vida de Cristo. Conheci os três filhos e as três filhas que se criaram no lar. Repetidas vezes participei da mesa da família. Duas vezes assisti a família quando a morte entrou no lar, uma quando a Sr^a Hyde foi levada e a outra quando chegou o corpo do querido João para descansar no Cemitério de Moss Ridge. Ajoelhei-me muitas vezes com a família nos cultos domésticos, sentindo-me, eu, um jovem ministro, comovido profundamente quando o amado Dr. Hyde derramava o coração diante de Deus. Conheci-o nos cultos da sua igreja e nas reuniões do presbitério. Era um nobre homem de Deus. Sob a bênção dos céus, a sua igreja foi

edificada e ele foi sempre um líder entre seus irmãos do ministério. O Dr. Hyde costumava orar pedindo ao Senhor da seara que mandasse ceifeiros para a sua seara. Orava assim, tanto nos cultos domésticos como do púlpito. Não é de admirar, portanto, que Deus tivesse chamado três dos seus filhos para proclamarem publicamente o Evangelho. Certa vez ouvi um ministro dizer: "Meu filho nunca seguirá o meu exemplo de pregador; conhece demasiadamente o tratamento que um pastor recebe das mãos do povo". Mas o Dr. Hyde dignificava o seu ofício e se regozijava em entregar seus filhos para uma vida de lutas e provações. Por que existem milhares de igrejas atualmente sem pastor? Certo ministro eminente disse-me: "Nossa denominação está enfrentando uma tremenda falta de pastores". Por que é que os milhões de perdidos em outras terras têm de esperar tanto tempo para ouvir a voz dos homens proclamando-lhes o Evangelho eterno do Filho de Deus?

Li hoje em "O Extremo Norte da Índia" o artigo de

certo ex-missionário, Dr. W. B. Anderson, declarando que cem milhões de pessoas na Índia nunca ouviram falar em Jesus Cristo, e nas circunstâncias atuais, não há possibilidade, de forma alguma, de elas ouvirem falar nele. Há outros milhões na África e em outros países mergulhados na mesma ignorância acerca de Cristo. Qual é a razão? - Os quartos de oração estão vazios, os cultos domésticos abandonados e, nas igrejas, as orações são sem vida e cheias de formalismo!

As escolas bíblicas e os seminários nunca produzirão os obreiros de que o mundo carece. Minha própria mãe, atualmente com Cristo, orava, quando ainda jovem, pedindo que as portas dos países pagãos se abrissem. Depois, sendo mãe de dez filhos, orava pedindo que obreiros entrassem por essas portas e Deus enviou um de seus filhos à Índia e duas filhas à China.

A avó Lóide e a mãe Eunice oravam! e o filho Timóteo, quando o grande Apóstolo dos gentios se preparava para iniciar a sua viagem missionária, estava pronto para que lhe impusessem as mãos e o

separasse para pregar a Palavra!

João Hyde foi uma resposta à oração, e, quando orava, anos mais tarde, no idioma da Índia, Deus levantou dezenas de obreiros nacionais em resposta às suas orações. O Grande Cabeça da Igreja tem um meio para levantar obreiros. Ele disse: *"Vede as terras... estão brancas para a ceifa... os trabalhadores são poucos... rogai!"*

DÁ-ME ALMAS OU MORREREI

No Tabernáculo de Moisés havia um compartimento tão sagrado que só um homem, entre todos os milhares de Israel, podia nele entrar e somente durante um dia de todo o ano. Esse compartimento era o Santo dos Santos. O lugar onde João Hyde se encontrava com Deus era, também, terra santa. As cenas da sua vida são demasiadamente sagradas para os olhos comuns e hesito em relatá-las aqui. Mas ao lembrar-me de Jacó no vale de Jaboque, de Elias no Carmelo, de Paulo em agonia espiritual por Israel e, especialmente, do querido Mestre no jardim, então sinto que estou dirigido pelo Espírito

de Deus para relatar as experiências desse homem de Deus, para admoestação e inspiração! Deus permita que assim seja para milhares de pessoas! Coloquemo-nos, pois, ao lado do quarto de oração de João Hyde, onde nos é permitido ouvir os suspiros, sentir os gemidos e contemplar o querido rosto, banhado, repetidamente, de lágrimas! É aí que podemos mirar o corpo enfraquecido depois dos dias que passara sem comer e as noites sem dormir. É aí, que, entre soluços, o ouvimos implorar com insistência: "Ó Deus, dá-me almas ou morrerei!"

Foi da seguinte maneira que João Hyde foi levado a trabalhar no estrangeiro: Seu irmão mais velho, Edmundo, estava no seminário estudando para pregar e era também um estudante voluntário preparando-se para o trabalho no estrangeiro. Durante as férias de verão, Edmundo estava ocupado na obra missionária da Escola Dominical no Estado de Montana. Foi então atacado pela febre. O médico aconselhou-o a voltar imediatamente para casa, no

Estado de Illinois. Iniciou a viagem, tendo a passagem e as instruções (para que os condutores o ajudassem) presas à lapela do paletó. Delirou no trem, mas chegou ao seu destino. Depois de alguns dias faleceu. João, já resolvido a pregar, ficou profundamente impressionado com a morte do irmão. Haveria uma vaga nas fileiras para o campo estrangeiro, e ele sentiu que Deus o dirigia a preenchê-la.

A decisão final foi tomada só no fim do ano seguinte, quando concluiu o curso. Certo sábado, à noite, João foi ao quarto de um colega e pediu-lhe que apresentasse todos os argumentos que pudesse sobre o trabalho missionário no estrangeiro. O estudante retrucou que não era de argumentos que ele carecia, mas devia ir para o quarto, prostrar-se de joelhos e permanecer perante Deus até resolver o problema em definitivo. Na manhã seguinte, no culto, João disse ao colega: "Estou resolvido". E o brilho de seu rosto era suficiente para saber qual era a decisão!

As profundezas do grande mar, as enormes vagas, os

dias seguidos de água, água, somente água, os pés afastados da querida pátria e ainda não firmados na pátria nova - todas essas coisas o levaram a meditar profundamente. Para João, essa viagem, no outono de 1892, foi um tempo de exame próprio e oração. Recebeu uma carta, à qual se referiu depois em certa publicação na Índia, com as seguintes palavras: "Meu pai tinha um amigo que desejava ardentemente ser missionário no estrangeiro, mas não lhe foi permitido ir. Esse homem escreveu-me uma carta e eu a recebi ainda no navio. Recebi-a algumas horas depois de sairmos do porto de Nova Iorque. O amigo insistia, na carta, em que eu buscasse o batismo com o Espírito Santo como a habilitação essencial na obra missionária. Irritado ao acabar de ler a carta, amassei-a e joguei-a no convés.

"Esse amigo", arrazoava João Hyde, "acha que eu não recebi o batismo com o Espírito? Pensa que vou à Índia sem munir-me dessa arma? Eu estava aborrecido. Mas por fim, com mais juízo, apanhei

novamente a carta e a li de novo. Reconheci então que eu carecia de algo que ainda não havia recebido. O resultado foi que, durante o resto da viagem, me entreguei inteiramente à oração, para que fosse, de fato, cheio do Espírito e soubesse, por uma experiência autêntica, o que Jesus queria dar a entender quando disse: *'Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até as extremidades da terra'*“ (Atos 1.8). A essas orações a bordo do navio houve, por fim, maravilhosa resposta.

OS PRIMEIROS ANOS NA ÍNDIA

A princípio João Hyde não era um missionário conceituado. Era pesado de língua. Quando se lhe fazia uma pergunta, parecia não ouvir, ou no caso de atender, demorava na formulação da resposta. Não ouvia bem e os amigos receavam que isso o impedisse de aprender a língua nativa. Era, de natureza, calmo e quieto; parecia faltar-lhe entusiasmo e iniciativa -

elementos essenciais a um jovem missionário. Mas os seus olhos azuis pareciam penetrar as profundezas do íntimo do próximo; pareciam brilhar da alma de um profeta.

Ao chegar à Índia, começou o estudo da língua, como é costume de todos os missionários. Mas depois descuidou-se do estudo para examinar a Bíblia. Submetido a exame lingüístico foi reprovado e respondeu: "O que é de primeira importância, deve ocupar o primeiro lugar". Explicou que tinha ido à Índia para ensinar a Bíblia e que, para isso, era necessário conhecê-la. E Deus por seu Espírito, abriu-lhe as Escrituras de um modo maravilhoso. Mas não desprezou o estudo da língua. "Chegou a falar corretamente e com facilidade o urdu e o punjabi; sobretudo, aprendeu a falar a língua dos céus de tal maneira que auditórios de centenas de pessoas da Índia ficavam boquiabertos enquanto lhes transmitia as verdades da Palavra de Deus".

Em todos os avivamentos há sempre duas partes, a divina e a humana. No avivamento de Gales, a parte

divina foi grandemente acentuada. Evã Roberts, o líder, sob a direção de Deus, parecia um instrumento passivo movido assombrosamente nas vigílias da noite pelo Espírito Santo. Não havia organização e muito pouco de pregação - quase nada de parte humana. O avivamento de Sialkot, apesar de ser também dos céus, não parecia tão espontâneo. Havia, sob a direção de Deus, organização, e planos foram feitos. E havia também períodos prolongados de oração.

Antes de continuar a mostrar a importância do instrumento humano, quero mencionar a associação de oração de Punjab. Essa associação foi organizada mais ou menos no tempo da primeira convenção em Sialkot (1904). Os princípios dessa associação estão redigidos em forma de perguntas, que eram assinaladas por aqueles que desejassem tornar-se membros, conforme lemos abaixo:

1. "Estás orando, pedindo um avivamento para a tua vida, para a vida dos teus companheiros de trabalho e para a Igreja?

2. "Estás anelando mais poder do Espírito Santo na tua própria vida e serviço, e estás convicto de que não podes avançar sem esse poder?"
3. "Orarás pedindo graça pra não te envergonhares de Jesus?"
4. "Crês que a oração é um grande meio de alcançar um despertamento espiritual?"
5. "Reservarás trinta minutos diariamente, logo após o meio-dia, para orar pedindo esse despertamento, e estás pronto a orar até que venha o despertamento?"

João Hyde era membro da associação de oração desde o início e também desempenhava importante posição na convenção em Sialkot. Os membros da associação de oração erguiam os olhos da fé, conforme a ordem de Cristo, e contemplavam os campos brancos para a ceifa. No Livro liam as imutáveis promessas de Deus. Percebiam que o único método de adquirir tal despertamento era por meio de oração. Assentaram em seus corações, deliberada, definitiva e determinantemente empregar esse meio até alcançarem o resultado. O

aviva-mento de Sialkot não foi por acaso, nem um sopro que veio do Céu, sem ninguém o buscar. Assim disse Carlos G. Finney: "Um avivamento não é maior milagre do que uma sagra de trigo". Em qualquer lugar pode-se obter um avivamento do Céu quando almas valentes entrarem na luta determinadas a vencer ou morrer - ou, se for necessário, vencer e morrer. *"O reino dos céus é tomado á força e os que se esforçam, são os que o conquistam"* (Mt 11.12).

TRÊS HOMENS

Os valentes de Davi estão enumerados nas Escrituras; havia os primeiros três, em seguida mais três, e finalmente os trinta. Jesus teve muitos discípulos cujos nomes não estão revelados. Teve os doze, mas havia entre eles três: Pedro, Tiago e João, que eram os mais íntimos. Centenas de crentes estiveram em Sialkot e ajudaram grandemente orando e louvando. Contudo Deus honrou alguns deles como líderes. Nosso relato não é feito com o objetivo de elogiar a ninguém; mas a Palavra de Deus diz: *"A quem honra,*

honra". Deus fez que João N. Hyde, R. McCheyne Paterson, e Jorge Turner sentissem, sobre o coração, um grande peso de responsabilidade nas súplicas por essa maravilhosa convenção. Havia necessidade de reuniões anuais para estudos bíblicos e oração, para aprofundar a vida espiritual dos pastores, professores e evangelistas tanto do estrangeiro como da Índia. A vida cotidiana descrentes do Punjab, como de resto, em toda a Índia, era muito mais baixa do que a norma da Bíblia; houve tão pouco do Espírito Santo na obra que poucas almas foram salvas dentre os milhões sem Cristo. Sialkot foi o lugar escolhido para essas reuniões e o ano 1904 se tornou memorável como a data da Primeira Convenção de Sialkot.

Antes de uma das primeiras convenções, Hyde e Paterson esperaram na presença de Deus durante um mês, até o dia de iniciarem as reuniões. Por trinta dias e trinta noites esses homens de Deus permaneceram na presença do Senhor em oração. Não é de admirar, pois, que o poder de Deus operasse na convenção. Após os primeiros nove dias de intercessão, Turner se

uniu aos outros dois; assim durante vinte dias e vinte e uma noites esses três homens oraram e louvaram a Deus, suplicando um derramamento do Espírito com grande poder. Três corações humanos, palpitavam como um só (e esse UM era o coração de Cristo), anelando, suplicando, chorando e sentindo agonia pela igreja da Índia e pelas miríades de almas perdidas. Três vontades renovadas que se ligavam como que com laços de aço a onipotente vontade de Deus. Três pares de lábios, vivificados por fogo e movidos por fé, clamavam: "Será feito!" Ao contemplar as vigílias prolongadíssimas, os dias entregues ao jejum e à oração, as noites de intercessão e indormidas, exclamamos: "Como foi grande o preço que pagaram?! Então chamo a atenção para as dezenas e centenas de trabalhadores vivificados e preparados para o serviço de Cristo; para os milhares de almas que entraram no reino de Deus em resposta às orações, e digo: "O preço foi grande, mas eis o que foi alcançado!"

Verdadeiramente, o preço pago no Calvário foi

astronômico. Mas a alma do leitor, e a minha, e os milhões de almas até agora redimidas e os outros milhões ainda para serem redimidas, a terra arrumada restaurada à perfeição do Éden, os reinos do mundo arrebatados dá mão do Usurpador e entregues ao governo do verdadeiro Rei! - ao ver tudo isso, claramente respondemos: "Eis o que foi conseguido!"

1. O autor se refere ao seu tempo.

As convenções em Sialkot

O HOMEM QUE ORAVA (1904)

Um dos seus mais íntimos amigos na Índia escreveu acerca da grande transformação na vida espiritual de João Hyde na convenção de 1904. No princípio, apesar de João ser um missionário e um filho de Deus, era apenas uma criança em Cristo. Nunca se sentira constrangido a permanecer em Jerusalém até receber o poder do alto. Deus, porém, lhe falou do seu amor e lhe mostrou como era indispensável o que lhe faltava. Foi enquanto conversava, durante a convenção, com um irmão missionário sobre a obra do Espírito Santo, que Deus lhe falou à alma e lhe mostrou o plano divino de santificação pela fé. O Todo-poderoso tocou-o e iluminou-o de tal maneira que, ao findar a convenção, João declarou: "Nunca mais perderei esta visão". E nunca mais a perdeu, antes adquiriu graça

sobre graça e a visão aumentava enquanto se mostrava obediente à ordem de avançar.

Um outro missionário conta como João foi à convenção para dirigir estudos bíblicos. Focalizava tudo nesses estudos, sobre a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus. Esse poderoso amor parecia fluir pela sua pessoa e apoderar-se dos corações dos homens e das mulheres e constrangê-los a se chegarem a Deus.

O mesmo irmão escreveu:

"Certa noite João foi ao meu quarto, cerca das nove e meia da noite, para conversar sobre a importância do testemunho público. A boa palestra durou até depois da uma hora da madrugada.

"Nós lhe tínhamos pedido que dirigisse o culto para os homens no Tabernáculo, na noite depois de nossa palestra, enquanto as mulheres da convenção se reuniam para o seu próprio culto, na vivenda dos missionários.

"Ao chegar a hora do culto, nós os homens, estávamos sentados nas esteiras, na tenda. O Sr.

Hyde, que ia presidir, ainda não tinha chegado. Começamos a cantar e cantamos vários hinos antes de ele entrar, o que aconteceu muito depois da hora anunciada para o início do culto.

"Lembro-me de como se assentou na esteira em nossa frente, permanecendo calado algum tempo depois de acabarmos de cantar. Então se levantou e nos disse solenemente: 'irmãos, não dormi a noite inteira, não comi durante o dia. Tive uma grande luta com Deus. Sentia-o chamando-me para vir aqui e testificar-vos de algumas coisas que Ele fez em minha vida, mas resisti, não achando justo fazê-lo. Somente hoje à tarde, poucos minutos antes de entrar aqui, obtive paz relativamente a isso e concordei em obedecer a Deus. Estou aqui, portanto, para vos contar o que Ele fez em minha vida!

"Depois de assim falar, em poucas palavras, contou-nos, simples e humilde, como lutara renhidamente contra certos pecados e como Deus lhe dera vitória. Acho que não falou mais de quinze a vinte minutos antes de se assentar e baixar a cabeça por alguns

instantes. Então disse: 'Oremos por algum tempo! ' Lembro-me de como o pequeno grupo caiu de bruços sobre as esteiras, à maneira do povo oriental. Durante muito tempo, homem após homem se levantou para orar em pé. Havia Confissão de pecados. Uma tal confissão a maior parte de nós jamais víamos e todos clamavam a Deus, pedindo misericórdia e socorro.

"Já de madrugada, a reunião encerrou-se e alguns de nós soubemos com certeza de várias vidas que foram completamente transformadas pela influência dessa reunião".

Sem dúvida, essa mensagem abriu as portas dos corações para o início do grande avivamento da Igreja na Índia.

CORAÇÕES QUEBRANTADOS (1905)

As reuniões anuais da aliança de oração de Punjab realizavam-se todos os anos na primavera. Mas, antes do dia marcado, os dirigentes permaneciam muito tempo em oração e jejum e em vigílias que duravam noites inteiras. Então os membros da aliança ao se reunirem buscavam a direção de Deus para o ano

vindouro. Certo irmão escreveu: "Na série anual de reuniões de 1905, Deus colocou sobre nossos corações o peso de um mundo mergulhado no pecado. Compartilhamos, até certa medida, dos sofrimentos de Cristo. Foi um glorioso preparo para a convenção que se realizou no outono do mesmo ano". Durante essa convenção, João Hyde continuou constantemente, dia e noite, na sala de oração; permaneceu ali como os discípulos no "monte da Transfiguração".

Incendiaram-lhe a mente, como uma ordem de Deus, estas palavras: *"Ó Jerusalém! sobre os teus muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite de contínuo se não calarão; ó vós, os que fazeis menção do Senhor, não haja silêncio em vós, nem estejais em silêncio, até que confirme e até que ponha a Jerusalém por louvor na terra"* (Is 62.6,7).

João Hyde foi sustentado, sem dúvida, pela força divina, pois o Senhor nos diz: *"Participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus"* (2 Tm 1.8); não segundo a nossa fraqueza, mas segundo o seu

poder. Podia vigiar e orar dia e noite, não porque o tempo que dormia era suficiente, mas porque o Pai deu ao seu servo sono como o de uma criança. O aspecto do seu rosto era a prova de que a presença de Cristo fortalecia o seu corpo. João Hyde era o principal pregador, mas foi em comunhão com Deus que adquiriu esse poder.

Sua vida de oração era de uma absoluta obediência a Deus. Lembro-me de como, certa vez, no salão de oração, ao tocar a Campanha para o almoço, ouvi-o balbuciar: "Pai, é a tua vontade que eu vá?" Houve uma pausa e veio a resposta, e ele disse: "Pai, agradeço-te". Então se levantou contente e saiu para o almoço. Não é necessário acrescentar que reconhecia o Senhor sempre à mesa com eles. Oh! quantas almas famintas foram reanimadas com as suas palavras durante a refeição!

Dirigia os Estudos Bíblicos de manhã. Seu assunto era João 15.26,27: *"Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de*

mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio". João Hyde dizia:

- "Pastores, o Espírito Santo tem o primeiro lugar nos vossos púlpitos? Colocais, realmente, o Espírito á frente e vos conservais escondidos atrás dele enquanto pregais?"

"Professores, quando os alunos vos fazem perguntas sobre assuntos difíceis, pedis o auxílio do Espírito Santo como testemunha de toda a vida de Cristo? Sabei que Ele foi a única testemunha da encarnação, dos milagres, da morte e da ressurreição de Cristo. Assim Ele é a única testemunha!" Foi uma mensagem penetrante e muitas pessoas se renderam, ao poder irresistível. Na manhã seguinte, não foi permitido por Deus que João Hyde ensinasse. O irmão que presidia à reunião abandonou seu lugar, anunciando que o culto estava nas mãos do Espírito de Deus. Maravilhosamente, o Espírito Santo nos testificou de Cristo e do seu poder para purificar todos os que se arrependessem. Na outra manhã, de novo Hyde anunciou que não recebera nova mensagem de Deus.

Advertiu que de Deus não se zomba. Afirmou:

- "Só depois que aprendemos a ceder o primeiro lugar ao Espírito Santo em todas as ocasiões, é que Deus nos deu uma mensagem".

Quem pode esquecer-se desse dia? Quão maravilhosas eram as respostas às orações! Os vigias naquela noite, na sala de oração, encheram-se de gozo indizível e saudaram a aurora com brados de triunfo. Foi com razão, porque *"somos mais que vencedores por aquele que nos amou"*.

Certa vez, João Hyde foi chamado para determinada tarefa. Cumpriu-a, mas voltou à sala de oração chorando e confessando que não obedecera a Deus de boa vontade, e suplicou-nos: "Orem por mim, irmãos, para que eu possa obedecer alegremente". Logo soubemos, que, depois que se retirou, o Espírito o impulsionou a obedecer de todo o coração. Então recebeu a promessa de que seria o pai espiritual de muitos filhos - como Abraão. Entrou no salão com grande gozo e, ao apresentar-se ao povo, depois de obedecer a Deus, pronunciou três palavras em urdu e

três em inglês, repetindo-a três vezes: "Ai Asmani Bak!", isto é:

"Oh! Pai Celestial!"

O que aconteceu em seguida é impossível descrever. Foi como se o mar tivesse entrado e varrido a assembléia: *"de repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam assentados"*. Corações prostraram-se perante a presença divina como as árvores da floresta se dobram ante uma irresistível tempestade. Foi o grande oceano do amor de Deus derramado como resultado da obediência de um só homem. Corações foram varridos pelo amor de Deus. Havia confissão de pecados com lágrimas, seguidas de gozo e, por fim, brados de regozijo. Verdadeiramente, fomos cheios de mosto - do mosto dos céus!

Eis a experiência de certa missionária: "Continuamos horas a fio, a sós com Deus, sem ninguém para ver ou ouvir, senão Deus. Mas é realmente possível ter comunhão com outros em oração e adoração durante horas seguidas? Logo, ao entrarmos na sala, houve

resposta. Sentimo-nos imediatamente na santa presença de Deus, onde havia a mais solene realidade. Esquecemo-nos dos outros na sala, exceto quando as suas orações e adoração, combinadas com as nossas, nos levaram a avaliar a força, o poder e o amor de tal comunhão.

"As horas que nesses dias permanecemos diante de Deus, em comunhão com os irmãos, eram preciosíssimas; horas na presença de Deus para Ele nos examinar e nos falar; horas em intercessão pelo próximo; horas juntos em adoração, louvando a sua própria Pessoa e o seu maravilhoso poder que operava entre nós. Havia tal ousadia e liberdade durante esses dez dias, como eu não pensara existissem na terra.

"Certamente foi para tal liberdade que Cristo nos chamou. Cada crente fez justamente como se sentia dirigido. Alguns deitaram-se cedo, outros oraram hora após hora; ainda outros continuaram a noite inteira em oração; alguns assistiram aos cultos, outros foram à sala de oração, e ainda outros, para seus quartos; alguns ficaram sentados para orar, outros se

ajoelharam, e ainda outros caíram de bruços diante de Deus - cada um fez conforme o Espírito de Deus lhe ordenara. Ninguém censurava, nem falava contra qualquer coisa feita ou dita. Todos reconhecíamos que tínhamos abandonado o formalismo e que estávamos na 'terrível' presença do Deus Santo".

A mesma missionária referia-se a João Hyde quando escreveu o seguinte: "Alguns dos que viviam com ele reconheciam que Deus os escolhera e os separara para serem 'vigias'". Eles viveram, durante tanto tempo, tão perto de Jeová, que podiam ouvir a sua voz e receber ordens diretamente dele acerca de tudo, mesmo para saber quando deviam vigiar e orar e quando deviam dormir. Alguns vigiavam noites inteiras, dias a fio, em resposta à sua chamada e Deus até lhes tirava o sono, para que tivessem o privilégio e a honra de vigiar com Ele sobre os negócios do seu reino.

O CORDEIRO SOBRE SEU TRONO (1906)

Na convenção de 1906, em resposta às orações, Deus derramou novamente sobre nós o espírito de súplica pelas almas perdidas: sentimo-nos contristados por

causa dos pecados do próximo. Ninguém sentiu isso mais que João Hyde. O Senhor lhe aprofundava a vida de oração, permitindo-lhe o privilégio de beber do cálice do Mestre e de ser batizado com o seu batismo (Mc 10.38). Isto é, o segundo batismo, o do sofrimento e de fogo, no qual sofremos com Ele para reinarmos com Ele (já neste mundo) a vida de verdadeiros reis por amor ao próximo.

Foi nesta altura que João Hyde começou a ver, em visões. Cristo como o Cordeiro sobre seu trono, sofrendo infinita dor por seu Corpo, a Igreja, a qual sofre aqui na terra, como consta repetidamente na Palavra de Deus. Como Cabeça divina, Ele é o centro dos nervos de todo o Corpo. Vive verdadeiramente hoje uma vida de oração por nós. A oração por outros é como o próprio fôlego da vida do Senhor nos céus: *"vivendo sempre para interceder por eles"*.

Foi assim, em grau crescente, com João Hyde. Inúmeras vezes na sala de oração, rompeu em choro pelos pecados do mundo, e, especialmente, pelos pecados dos filhos de Deus. Mesmo em tais ocasiões,

as suas lágrimas se tornavam em brados de louvor, segundo a promessa divina, enunciada pelo Senhor na última noite quando conversava livremente com os seus: "*Vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria*" (Jo 16.20-22).

Certo irmão assim escreveu acerca da convenção de 1906: "Louvado seja Deus, porque ouviu as nossas orações e derramou o espírito de graça e de intercessão sobre tão grande número de seus filhos. Por exemplo, vi um irmão, em Punjab, comovido e quebrantado, soluçando como se seu coração fosse estourar. Abracei-o e disse-lhe: '*O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado*'. Iluminou-se o seu rosto. Ele me disse: 'Glória a Deus, Sahib, mas que terrível visão tive eu! Milhares de almas na Índia, levadas pelo negro rio do pecado, estão atualmente no Inferno. Oh! se houvesse meio de arrebatá-las do fogo, antes de ser demasiado tarde!'"

Acrescentamos outro exemplo de como a agonia da alma de João Hyde se refletia nos crentes da Índia. Uma moça, que era sua filha na fé, assistia à

convenção. Seu pai a obrigara a abandonar a Cristo. Ela, na sala de oração, estava convicta de seu pecado, se abandonasse a Cristo. Contou o que sentia em ter de ferir o coração de seu pai para ligar-se a Cristo. Ao vir sobre a moça o poder do amor do Salvador, parecia-nos que víamos ceder como elástico os laços do nosso coração, que se ligavam ao coração do pai. Foi um espetáculo terrível. Então ela nos pediu que orássemos por seu pai. Começamos a orar e repentinamente nos sobreveio o espírito de súplica por essa alma. Em todos os cantos da sala se ouviam soluços e clamores por alguém que muitos não conheciam, e de quem não tinham ouvido falar. Homens robustos se prostravam por terra, gemendo, e angustiados por causa da alma desse homem. Não havia ninguém que não chorasse, enquanto Deus não desse a certeza de que ouvira a oração. E do "Getsêmane" saíamos para o gozo do "Pentecoste", louvando a Deus porque respondera ao nosso clamor. Jamais me esquecerei desse culto, que continuou a noite inteira. Foi a ocasião em que senti o poder de Deus como nunca

antes sentira.

Deus procura os que estão prontos a levar o peso dos milhões de almas que não o conhecem; procura os que desejam entrar com Jesus no Getsêmane; deseja que nós o façamos. Bendita experiência é a de compartilharmos, até certa medida, dos sofrimentos de Cristo. É uma experiência que nos leva à gloriosa presença do Filho de Deus. E não somente isso, mas é o meio designado por Deus para trazer as ovelhas perdidas ao aprisco, pois o Senhor diz: *"A quem enviarei eu, e quem irá por nós?"*

Leitor, ao leres essas palavras estás pronto a tornar-te intercessor? Se estiveres pronto a colocar-te nas mãos de Deus, Ele estará pronto a usar-te também. Mas há duas qualificações necessárias: a obediência e a santidade. A obediência é essencial em tudo. Mesmo nas coisas mínimas, a nossa vontade deve ser submissa para fazer a vontade de Deus. A santidade também é indispensável. Deus quer vasos limpos para o seu serviço; exige instrumentos santos para a sua obra. Ele exige pureza na vida íntima. Se o vaso não

estiver limpo, purificado pelo fogo do Espírito Santo, Deus não pode usá-lo. Ele quer que tu lhe permitas purificar-te, cortando uma parte da tua própria vida. Deus deve ter um vaso apropriado para o seu uso!

RISO SANTO (1907)

No verão de 1907, Hyde passou as férias na casa de um amigo, na serra. Acerca disso, esse amigo escreveu: "O ato culminante do amor de Deus para conosco foi a maravilhosa maneira pela qual levou João Hyde a nos visitar. Eu também tive de vir para trabalhar entre as tropas inglesas. Foi assim que, juntos, Hyde e eu tivemos experiências gloriosas. Havia ocasiões de renhida luta e, às vezes, parecia que João Hyde chegara mesmo a ponto de ficar com o físico abalado. Mas, depois de passarmos noites inteiras em oração e adoração, amanhecia sorridente e renovado. Deus, quando nos chamou para tais tempos de luta, ensinou-nos lições maravilhosas. É o que nos diz o mandamento de 2 Timóteo 1.8: *'Participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus'*. Assim temos sempre o poder de Deus a nosso dispor,

em qualquer necessidade. Depois de reconhecer isso, Hyde disse que raramente sentia cansaço, apesar de passar, às vezes, semanas inteiras quase sem dormir. Ninguém deve sentir-se com o físico abalado, por se esforçar demais no ministério da intercessão".

Há um outro elemento de poder: "*A alegria de Jeová é a nossa fortaleza*" (Ne 8.10). Oh! como Deus usou um irmão pobre de Punjab, de baixa casta, para nos ensinar a maneira de tornar tais tempos de oração em um Céu na terra, e o modo de evitar que o gozo de orar, e mesmo de lutar, degenerem em simples labor. Repetidas vezes esse irmão depois de muito clamor, parecia romper as fileiras das hostes do Maligno e voar para a presença do Pai. Seu rosto refletia o sorriso de Deus; então rompia em riso no meio da oração. Era o gozo de um filho alegrando-se nas delícias do sorriso do Pai. Deus mostrou a Hyde e a mim, que o nome do Deus de Isaque é o Deus do riso. Note-se a descrição do Céu em Provérbios 8.30: "*Eu estava... folgando perante ele em todo o tempo*". É o amor do Pai derramado no seu próprio Filho. Não é de

admirar que num lar assim o Filho dissesse que estava sempre se regozijando diante do Pai. "Isaque" é o mesmo que *riso*. Parecia que o riso santo aliviava a tensão e renovava os espíritos dos que lutavam em oração

"Devo escrever-lhe acerca da última mensagem do querido João antes de regressar a Ludhiana. A mensagem foi sobre a incessante dor que o apóstolo Paulo sentia, desejando a salvação dos seus patrícios, a ponto de querer ser anátema (separado de Cristo) (Rm 9.1,3). Certamente isso era mais que o amor de Paulo para com Cristo: o apóstolo desejava tornar-se o mesmo que Cristo se tornara por nós - uma maldição! Imagine-se o que seria voltar aos pecados de outrora e sentir o seu domínio sobre nós! Tal pensamento é insuportável! Contudo a compaixão do coração de Paulo era tal, que ele estava pronto a ser *anátema* de (Visto, se assim fosse possível salvar os seus patrícios, os judeus. Tal foi, em poucas palavras, a mensagem de Deus por intermédio de seu servo, João Hyde. Todos fomos quebrantados! O amor de

Deus foi derramado profusamente nos corações dos presentes. Tudo isso conduzia João Hyde para a grande crise na sua vida de oração, que tive ocasião de presenciar".

ORAÇÃO E VIGÍLIA (1908)

Conseguimos persuadi-lo a passar novamente algum tempo conosco na casa do mesmo amigo, na serra, no verão de 1908. Ele ocupava um quarto separado e afastado de nossa casa. Eis como chegou, com o propósito fixo de passar o tempo em verdadeira intercessão diante de seu Mestre. Sua intercessão estava carregada de poderosas investidas para o Reino de Deus entre nós. Vimos logo que ele se achava curvado sob o peso das dores que sentia na alma.

Muitas vezes não estava presente às refeições; quando eu ia ao seu quarto, encontrava-o caído de bruços, em grande agonia, ou andando de um lado para o outro como se algum fogo ardesse nos seus ossos. Era o fogo acerca do qual o Senhor falou quando disse: *"Vim lançar fogo na terra: e que mais quero, se já está aceso? Importa porém que seja batizado com um*

certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!" Hyde não jejuava no sentido em que usamos a palavra, contudo, ao insistir para que fosse à mesa para comer, dizia-me com um sorriso: "Não estou com fome". Não sentia fome porque havia uma fome muito maior que lhe consumia a própria alma e não havia nada, a não ser a oração, que servisse para saciá-la. A fome do espírito dominava a fome do físico. Ele ouvira a voz do Senhor dizendo: "*Fica aqui e vigia comigo*". Assim ficava ali com o Senhor e teve o privilégio de entrar no Getsêmane com Ele.

Havia um pensamento que lhe dominava a mente: o de que o Senhor continua a sentir agonia pelas almas. Citava muitas passagens do Velho e do Novo Testamento, especialmente acerca do privilégio de "*cumprir o que falta das aflições de Cristo*" (Cl 1.24). Falava do voto do Senhor e das dores prolongadas da sua alma para que todos os seus estivessem dentro do aprisco: "*Mas, digo-vos que desta hora em diante não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber de novo convosco no reino de meu*

Pai", "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Tais eram os versículos que Deus usava para abrir-lhe os olhos acerca da participação dos sofrimentos de Cristo (Fp 3.10). Foram dias em que, muitas vezes, as nuvens se abriram e via-se brilhar a vida que Jesus glorificado vive agora, revelando muitos dos mistérios da luta de dores e sofrimentos. Verdadeiramente seguimos o Cordeiro, que continua a sofrer *conosco*, como sofrerá *por* nós na terra, apesar de estar atualmente no trono. João Hyde descobriu que Ele continua a carregar a nossa cruz; carrega a parte mais pesada, porque vive sempre para interceder por nós (Hb 7.25). A tal vida de oração e vigília, João Hyde foi conduzido passo a passo. Durante todo esse tempo, apesar de comer pouco e dormir ainda menos, sempre estava pronto e alegre. Gostava imensamente de nossos filhos. E eles gostavam sempre de brincar com o tio João, como o intitulavam. Porém, durante esse tempo, mesmo os pequeninos reconheciam que não era tempo próprio para brincar! Mostravam-se sobremaneira graves e quietos em sua presença,

porque notavam a luz que brilhava no rosto de João Hyde, luz que testificava a íntima comunhão com o mundo invisível aos olhos naturais.

Contudo, não havia nele coisa alguma de eremita; pelo contrário, sua pessoa era ainda mais fascinante e o povo sentia-se atraído a pedir suas orações. Mostrava-se sempre pronto a falar com todos sobre as coisas espirituais e, mais do que antes, sobre os seus problemas e tristezas. Não podemos mencionar detalhadamente tudo acerca desse tempo de vigília, oração e jejum, quando ele começou a participar do grande anelo do Senhor por suas ovelhas. Receávamos que o corpo fraco de nosso irmão não suportasse tanto, mas foi fortalecido constante e maravilhosamente. Às vezes, por causa da sua agonia, perdia a fala; outras vezes clamava em alta voz pelos milhões de almas perecendo perante os nossos olhos. Nunca, porém, perdia a esperança: esperava no amor de Deus e esperava no Deus de amor.

Não somente se esforçava para sondar a profundidade

do amor de Deus, mas havia momentos em que sentia o Céu na terra quando avistava as alturas desse amor. Então sua alma ficava inundada de cânticos de gozo e louvor. Durante todo esse tempo, parecia nunca se esquecer dos milhares de almas do seu próprio campo, que viviam sem Deus e sem esperanças no mundo. Por elas suplicava com soluços, mostrando-se comovido até o íntimo do coração. O peso da responsabilidade das suas orações era: "Pai, dá-me almas ou morrerei!" A sua própria oração, embora ele se gastasse inteiramente em atividades, "antes de se consumir de ferrugem", havia começado a ser respondida.

Quero inserir aqui uma jóia da pena de Paterson: "Perguntamos: qual foi o segredo da vida de oração de João Hyde? É este: sua vida era uma vida de oração. Qual a fonte de toda essa vida? Jesus glorificado.

Como posso obter de Jesus essa vida? Justamente como ele obteve: pela justiça de Cristo. Sei que não tenho justiça em mim mesmo, somente trapos de

imundícia; mas pela fé reclamo a justiça de Cristo. Há, então um resultado duplo: quanto ao nosso Pai no Céu, Ele olha para a justiça de Cristo em mim, e não para a minha justiça. Em segundo lugar, quanto a nós mesmos: a justiça de Cristo não somente serve para nos vestir exteriormente, mas penetra o nosso próprio ser por seu Espírito, recebido pela fé, como no caso dos discípulos (Jo 20.22) e produz em nós a santificação.

Notemos como o mesmo acontece com a nossa vida de oração. Lembremo-nos da palavra "por". "Cristo morreu *por* nós" e "sempre vive para interceder por nós", isto é, Ele o faz em nosso lugar. Assim também, confesso a fraqueza das minhas orações (não merecem ser chamadas "vida de oração") e aceito sempre a eficiente intercessão de Cristo. O resultado é que Deus responde conforme a vida de oração de Cristo que Ele vê em nós. Há, também, outro grande resultado. A vida de oração de Cristo entra em nós. Isto é, oração no Espírito Santo. Somente assim podemos orar sem cessar. É a vida em abundância que

o Pai nos dá. Inconfundível é a paz; inigualável é o conforto! Não é necessário que nos esforcemos mais para ter uma vida de oração, que sempre falha. Jesus entra no barco e cessa a tormenta: já estamos em terra firme para onde nos dirigíamos. Sendo assim, devemos permanecer quietos diante dele, para ouvir a sua voz e deixá-lo orar em nós - ou melhor, deixá-lo derramar em nossa alma a sua transbordante vida de intercessão, o que quer dizer literalmente: *Face a Face* com Deus em verdadeira união e comunhão.

UMA ALMA POR DIA (1908)

Foi mais ou menos nesse tempo que João Hyde lutou com Deus, face a face, acerca de um acordo definitivo, que lhe desse uma alma por dia, nada menos; não uma pessoa apenas interessada, mas uma pronta a confessar Cristo publicamente e a se batizar no seu nome. Então houve descanso da incessante e agonizante intercessão. Seu coração encheu-se de paz e certeza. Todos nós percebemos nele uma nova vida e um novo alvo, coisas que não findam aqui nesta vida - passam para o além.

Regressou ao seu campo com essa certeza de que Deus lhe concederia uma alma salva por dia; e não foi desapontado. Isso significa longas viagens, noites de jejum e oração, sofrimento e combate; contudo, sempre havia vitória. Não se importava que o calor o consumisse de dia e a geada de noite. Estava reunindo as ovelhas no aprisco; o Bom Pastor estava vendo o fruto do trabalho da sua alma. Ao findar o ano, recolhera mais de quatrocentas.

Mas estava ele satisfeito? De forma alguma. Pois o Senhor também não estava! Como podia o Senhor ficar satisfeito se uma ovelha ainda estava fora? Contudo Hyde aprendeu o segredo do poder divino: "O gozo do Senhor". Afinal de contas, quanto maior for o nosso regozijo, tanto maior a nossa capacidade de sofrer. Foi assim com o varão de Deus, aquele que podia dizer: *"Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós; e o vosso gozo seja completo"*.

Parecia que João Hyde sempre ouvia a voz do Bom Pastor dizendo-lhe: "Outras ovelhas tenho... Outras

ovelhas tenho..." Depois de ganhar uma alma, ou duas, ou quatro em um só dia, não diminuía o seu anelo pela conquista de outras; não se esfriava a sua paixão de salvar os perdidos. Certo amigo na índia escreveu: "Na obra de ganhar almas, entrava em palestra com um homem acerca da sua salvação. Sem muita demora colocava as mãos sobre os ombros do homem, fitava-o ternamente nos olhos. Em seguida induzia tal homem a cair de joelhos, a confessar seus pecados e a buscar a salvação. Pessoas assim foram batizadas na vila, a beira do caminho, ou em qualquer outro lugar".

Certa vez assisti a uma das suas convenções para crentes. Recebia seus filhos na fé ao entrarem, e os abraçava (como é costume no Oriente), colocando-lhes uma das mãos sobre um ombro. Abraçava-os com tanto carinho que conseguiu levar todos os crentes, das diversas castas da índia, a saudarem-se assim uns aos outros, até mesmo aos da classe mais baixa.

Esse era o seu segredo: vencia pelo amor.

DUAS ALMAS POR DIA (1909)

Novamente lutou o "apóstolo da oração" face a face com Deus. Seu pedido definitivo e insistente foi para que o Senhor lhe desse duas almas por dia. Nessa convenção, Deus o usou como nunca. O Senhor falou por intermédio do seu servo 'João Hyde.

Falemos reverentemente da mais sagrada lição: as repetidas visões que nos deu do coração divino de Cristo, coração quebrantado por causa de nossos pecados. Não nos surpreendeu com uma visão total e repentina, mas no-las revelou aos poucos, conforme a nossa capacidade para suportá-las. Quem pode esquecer-se do seu grande coração amoroso atravessado de trágica tristeza por causa da iniquidade de todo o mundo?!

Foi-nos permitido ver mais e mais da agonia da alma de Deus, e, como o profeta das lágrimas, Jeremias, presenciamos a sua angústia, desejando que seus olhos se tornassem em fontes de lágrimas, para que chorassem dia e noite os mortos da filha de seu povo.

Nessa agonia, o anelo divino foi realizado através do Getsêmane e do Calvário! Fomos levados a contemplar os indescritíveis sofrimentos do Filho de Deus e também os sofrimentos do Pai, ainda mais indescritíveis porque, por meio dele, o Filho se ofereceu, sem defeitos, à justiça divina.

Como podemos entrar na participação de tais sofrimentos? - *"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á"*. Observe-se o grau crescente de anelo: pedir, buscar e bater. Note-se, também, a correspondente e crescente recompensa até o ponto culminante quando o Pai nos abre a porta do seu coração. Sim a todo o mundo contamos as nossas alegrias, mas é somente aos amigos mais íntimos que contamos as nossas tristezas. O amor de Deus é também assim. Foi a João, o discípulo amado, ao reclinar-se sobre o coração do Mestre, que Jesus revelou a angústia horrenda que lhe despedaçava o coração, a angústia em saber que um dos discípulos ia traí-lo. Quanto mais nos aproximamos do coração de Cristo, tanto mais compartilhamos das suas mágoas.

Tudo isso adquirimos somente pela fé. Não é um coração quebrantado o de que carecemos, mas do próprio coração de Deus. Não participamos de nossos próprios sofrimentos, mas dos de Cristo. Não é com as nossas próprias lágrimas que devemos admoestar dia e noite, mas com as de Cristo. A participação dos seus sofrimentos é sua dádiva gratuita: temos somente de nos apoderar dela pela fé.

"Senhor, dá-me o teu coração de amor para com os pecadores, teu coração ferido por causa de seus pecados! Dá-me as tuas lágrimas enquanto os admoesto dia e noite!" Era assim que clamava um amado filho de Deus no fim da convenção de 1909. E continuou: "Mas, oh! Senhor, sinto-me tão frio: meu coração está tão endurecido e dormente! Sou tão indiferente!" Foi necessário que um amigo o interrompesse: "Por que estás olhando para ti mesmo, irmão? Certo é que estás frio e adormecido. Mas já pediste o coração quebrantado de Jesus, seu amor, seu espírito de súplica pelo pecado, suas lágrimas. Ele não é mentiroso; já deu o que pediste. Então deixa de

olhar para o teu coração e olha para o dele!"

Hyde costumava dizer: "Se nos conservarmos junto de Jesus, Ele é quem atrai as almas, por nosso intermédio. Mas é necessário que Ele seja levantado em nossas vidas; isto é, devemos ser crucificados com Ele. É a nossa própria pessoa, de alguma forma, que se interpõe entre nós e Ele. Portanto devemos fazer com a nossa própria pessoa o que fizeram com Ele. O "eu" deve ser *crucificado, morto e enterrado* com Cristo. Se não for "sepultado", o mau cheiro do velho homem espantará as almas. Se dermos essas três passadas para baixo, quanto ao velho homem, então o novo homem será *revivificado, levantado e assentado* - as três passadas correspondentes que Deus nos concede. Assim levantamos Cristo verdadeiramente em nossas vidas! Ele sempre atrai as almas a si. Tudo isso é resultado da íntima união e da comunhão; é a "participação" com Ele nos seus sofrimentos!

”

QUATRO ALMAS POR DIA (1910) Oitocentas almas foram acolhidas desde a convenção do ano

próximo passado, mas, para João Hyde, isso não era suficiente. Deus aumentava-lhe a capacidade do coração, por meio do seu amor. Uma vez mais agarrou-se com Deus em santo desespero. Foi durante semanas, não me lembro quantas, que ele descia mais e mais com Cristo nas sombras do "Jardim". Em vez de oração, havia então confissão de pecados dos outros, e colocava-se a si mesmo no lugar desses pecadores, como fizeram muitos dos profetas na antigüidade. Carregava, juntamente com seu Senhor e Mestre, os pecados dos outros: "*Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo*". Segundo essa lei, devemos dar a nossa vida pelos irmãos. Isso fez João Hyde: morria todos os dias. (Vede I Co 15.31.)

Quais eram essas cargas referidas em Gálatas 6.2? O versículo primeiro no-las revela. Era sentir o peso dos pecados dos outros. Finalmente João Hyde teve a certeza de ganhar *quatro almas* por dia.

Apesar de ocupar-se assim tanto tempo, foi nesse mesmo ano de 1910, que Deus o usou em toda a parte

da Índia. Chamaram-no para ajudar em avivamentos e conferências em Calcutá, Bombaim, e em muitas das grandes cidades do país. Certamente Deus o estava preparando para uma missão que alcançava toda a eternidade. Contudo, João Hyde nunca foi tão censurado ou mal entendido. Mas até isso era uma parte da sua participação das dores de Cristo: *"Veio para o que era seu, e os seus não o receberam"*.

Nós, mais privilegiados, vimos, na vida de João Hyde, o crescente horror que sentiu pelo pecado durante esse ano de 1910, apesar de ser apenas um pálido reflexo de angústia horrenda, que, por fim, despedaçou o coração do Salvador. Antes de começar a convenção, passou longas noites em oração a Deus. Fazia cinco anos que sentia *grande* responsabilidade sobre o coração, e cada ano pesava-lhe mais. Parecia que lhe consumia a própria alma! Seu rosto revelava as longas noites que passava sem dormir, os dias gastos em enfadonha vigília e oração. Contudo o seu vulto estava quase inteiramente transformado ao transmitir a Palavra de Deus ao povo com tanto fogo e tanto

poder, que os ouvintes se esqueciam do homem transformado pela glória de Deus que lhe iluminava todo o semblante. Era o mensageiro de Jeová falando a mensagem de Jeová, e nós, que participávamos, até certo ponto, dessa responsabilidade de oração, reconhecíamos que era o peso da responsabilidade do próprio Deus transmitido à sua igreja na Índia, sim, à sua igreja no mundo inteiro.

Fomos transportados para o monte Sinai, e vimos o pecado povo de Israel adorando o bezerro de ouro (Êx 32). Até esse ponto, Moisés não tinha intercedido pelo povo de Deus; ainda não participava dos sofrimentos que Deus sentia no coração por causa desse pecado. Assim a Moisés foi ordenado que descesse do monte e se apresentasse no meio dos pecadores. O pecado custou-lhe a presença de Deus. Foi feito participante dos sofrimentos do Cordeiro morto desde a fundação do mundo. Então, Moisés jejuou pela segunda vez, quarenta dias e quarenta noites (Dt 9.19).

"Temi por causa da ira e do furor, com que o Senhor tanto estava irado contra vós, para vos destruir;

porém ainda por esta vez o Senhor me ouviu". Note-se como Moisés relatou novamente isso em 9.25; o Espírito Santo assim o repetiu para dar ênfase. O grande Trono Branco, com pureza maravilhosa, brilhou entre nós desde então até o fim da convenção. Não é de admirar que nos sentíssemos envergonhados e confundidos como muitos dos intercessores da antigüidade: Moisés, Jó, Esdras, Neemias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel. Quando Deus disse a Moisés: "*Deixa-me!*" (v. 14), revelou-se o poder da intercessão, pois Moisés não o deixou destruir Israel, "*pôs-se na brecha*" (comp. Ez 22.30). E a ira de Deus cessou. "A igreja no deserto" foi salva por Moisés, que prefigurava nosso grande e divino intercessor, e que participava do seu Espírito.

O coração de João Hyde foi tomado pelo desejo de confessar os pecados dos outros. Foi nessa altura que o Senhor lhe ensinou a grande lição do pecado de censurar o próximo, mesmo em oração. Sentiu-se dirigido a orar por certo pastor da índia e, lembrado da frieza do pastor e o resultante estado dormente da

sua igreja, estava a ponto de dizer: "Ó Pai, tu sabes como ele é frio..." Mas Deus colocou o dedo sobre seus lábios e as palavras não foram enunciadas.

Ao mesmo tempo parecia ouvir uma voz dizendo:

"Aquele que tocar nele, toca na menina do meu olho".

João Hyde, com o coração quebrantado, clamou:

"Perdoa-me, Pai, sou um acusador dos irmãos perante ti!" Reconheceu que, à vista de Deus, devia contemplar *"tudo que é amável"* (Fp 4.8). Ao mesmo tempo desejava contemplar *"tudo que é verdadeiro"*.

Foi-lhe revelado que o "verdadeiro" desse versículo é limitado ao que é ao mesmo tempo amável e verdadeiro; que o pecado do povo de Deus é passageiro, e que pecar não é a verdadeira natureza do povo de Deus. Devemos contemplar os irmãos como

são em Cristo Jesus, isto é, completos, o que serão quando Ele completar a boa obra que já começou neles: *"É justo que eu pense assim de todos vós porque vos retenho no meu coração"* (Fp 1.7). Em seguida, Hyde pediu a Deus que lhe mostrasse tudo

que podia louvar na vida desse pastor: *"se há alguma*

virtude e se há algum louvor, seja isso o que ocupe os vossos pensamentos". Sua atenção foi levada a muitas coisas acerca das quais podia agradecer a Deus e passou o tempo louvando! Foi o caminho para a vitória. O pastor, logo depois, foi vivificado e começou a pregar no poder do Espírito Santo. É o caminho do louvor que Deus designou para a Noiva preparar-se e vestir-se de lindas vestes. Note-se, como em Apocalipse 19.6-8, que é o louvor que produz os gloriosos resultados.

Lembro-me como Hyde me contou, nesse tempo, que, no caso de não ganhar quatro almas durante o dia, ao anoitecer sentia um peso tão grande sobre o coração que sofria dores e não podia comer nem dormir. Então orava pedindo que o Senhor lhe mostrasse qual o impedimento de receber essa bênção. Invariavelmente achava que era a falta de louvor na sua vida. O mandamento de louvar, que se encontra centenas de vezes na Palavra de Deus, certamente é indispensável! Então João confessava seu pecado e aceitava o perdão pelo sangue. Em seguida pedia o espírito de louvor,

como se pede qualquer outra dádiva de Deus. Assim trocava suas cinzas pela grinalda de Cristo, seu pranto pelo óleo do gozo de Cristo, seu espírito de tristeza pelo manto de louvor de Cristo (o Cântico do Cordeiro, isto é, adoração a Deus em antecipação do que ia fazer). Assim enquanto louvava a Deus, as almas eram atraídas *para completar o número que lhe faltava*.

O seguinte fato serve como ilustração da obra nesse tempo: Dois evangelistas acompanharam João Hyde a uma vila distante. Antes de sair tiveram a certeza de que ganhariam *dez almas* para Cristo. Chegaram à vila, pregaram, cantaram; passou-se o dia e nenhuma alma se mostrou interessada. Os três estavam com fome e com sede. Ninguém lhes deu coisa alguma. Os dois evangelistas insistiram em voltar para casa para descansar e comer. Mas João Hyde não queria voltar. Continuou a esperar as dez almas.

Por fim, pediram água em uma casa de família pobre. O dono ofereceu-lhes, também, leite. Entraram na casa e descansaram. A família já sabia muitas coisas

acerca de Jesus Cristo. Hospedaram os três no nome de Jesus. Quando foram solicitados a aceitar a Cristo, concordaram. Todos os membros da família estavam bem informados acerca do povo de Deus e decididos a seguir o Senhor. É fácil imaginar a ternura de João Hyde ao conduzi-los a pertencer à família de Deus. *Nove* foram batizados. Estava anoitecendo e o caminho era tal que corria perigo regressar de noite. Os evangelistas queriam sair imediatamente. O dono da casa também insistia para que não demorassem, pois estava escurecendo. João Hyde saiu da porta contra a vontade. A carroça esperava-os; os homens fizeram tudo para induzi-lo a subir; quase o puxaram pelo braço para dentro do veículo. Mas João, fitando um dos evangelistas, perguntou-lhe: "Não devemos esperar a alma que está faltando?" O evangelista, conforme me contou depois, ficou profundamente envergonhado, e disse encolerizado: "O Sahib não se importa se quebrar o pescoço; não tem esposa, nem filhos para sustentar. O caso é muito diferente para nós dois". Contudo Hyde ficou esperando a outra

alma: a décima ainda não estava salva. Sabia que o Bom Pastor em pessoa a procurava e a continuaria a procurar, "até achá-la".

Os evangelistas quase o obrigaram a subir, quando Hyde clamou: "Que faremos para ganhar essa alma?" Por fim chegou o dono da casa, querendo saber por que o Sahib demorava. Hyde explicou-lhe que havia uma ovelha ainda para entrar no aprisco. "Ali vem ela", afirmou o homem, "é um sobrinho que recebi na família". João Hyde levou o moço para dentro de casa e verificou que ele estava bem informado das coisas de Cristo e realmente decidido a segui-lo.

Assim a décima alma foi acolhida no aprisco. Com um suspiro de alívio, e o físico cansado, João subiu à carroça. Foram guardados pelo caminho e chegaram seguros a casa, cheios de gozo que o Bom Pastor concede aos fiéis pastores.

Testemunhos

VIDAS TRANSFORMADAS

Eis a fecunda vida e obra de certa missionária: Trabalhara esforçadamente durante muitos anos em certo campo, porém não houve verdadeiro fruto. Mas ao ler acerca da vida de oração de João Hyde, resolveu reservar as melhores horas do dia para oração e estudo da Palavra de Deus, a fim de conhecer a vontade divina. Decidiu colocar a oração em primeiro lugar na sua vida, em vez de considerá-la secundária, como o fazia antes. Assentou no coração viver uma vida de oração no poder de Deus. Disse-lhe o Senhor: "Clama a mim e mostrar-te-ei grandes e gloriosas coisas. Não tens clamado e, portanto, não estás vendo essas bênçãos na tua obra". Escreveu ela: "Vi que, a

qualquer preço, devia conhecer Jesus, e a sua vida de oração. Assim findou a luta no meu coração, e a vitória foi ganha".

Uma das coisas que pediu foi que Deus a conservasse escondida. Se quisesse seguir o Cordeiro, devia estar sempre resignada quando fosse mal entendida, e não abrir a boca para fazer a sua própria defesa. Antes de findar o ano, ela escreveu uma carta. Que transformação! Havia nova vida em tudo; o ermo mudara-se em jardim. Quinze convertidos foram batizados no início e, durante um período de seis meses, cento e vinte e cinco.

"A maior parte do tempo, durante o ano, tive uma grande luta para continuar a fazer o que resolvera; não estou acostumada a esforçar-me todos os dias e acho difícil gastar a melhor parte do dia em oração e no estudo da Bíblia. Pode-se imaginar o meu problema, sabendo que outros ao meu redor trabalhavam tenazmente e eu estava inativa no quarto! Muitas vezes me sentia impelida a sair para cumprir o meu dever, mas Deus não mo permitia. Sua mão me

segurava tão certamente como qualquer mão humana e eu reconhecia que não podia ir, porque não estava preparada. Faz poucos dias que senti isso novamente e parecia que Deus me repreendia dizendo: 'Qual é o fruto que tens e por que agora te sentes envergonhada?' De fato, sentia-me envergonhada dos infrutíferos anos que passara no serviço missionário, quase sem orar, e, conseqüentemente, sem poder.

"Agora a obra está prosperando em todos os ramos mais do que em qualquer tempo antes. Não há mais luta nem preocupação na minha vida. O gozo de ter uma vida de comunhão e de serviço produz constantemente sossego e paz. Se eu pudesse voltar para a vida de outrora, não o faria; que Deus conceda que isso seja sempre impossível".

Um ano depois ela escreveu de novo:

"Um verdadeiro interesse está aumentando nas vilas e esperamos mais frutos do que já tivemos no passado. Há atualmente seiscentos crentes, enquanto há dois anos havia apenas cem, isto é, quando iniciei a vida de oração. Esperamos ver brevemente ainda maiores

coisas na Índia. Louvado seja Deus por sua bendita presença e comunhão!"

Anos depois, certo pastor de uma igreja em Illinois escreveu:

"Com a morte de João Hyde perdemos um valente e nobre irmão, que, não somente cumpriu a tarefa do Senhor em terra longínqua, mas, também, nos inspirou. Despertou a nossa igreja e nos transmitiu o fogo do Céu, até sair, ao menos, uma irmã de nossa igreja para a China, onde trabalha atualmente como missionária. Quem pode calcular a influência e o poder de João Hyde na Índia, na Inglaterra, e na América?!

"J. N. Hyde era assim como o seu pai. Sempre cumpria a sua obrigação. Cumpria-a, não com ostentação e alarido, mas com um propósito inalterável, mesmo se isso lhe custasse a vida. Parece que Deus queria que isso lhe custasse a vida. Na última carta aos colegas do seminário, ele escreveu: "Durante os últimos três anos Deus está concedendo conversões e batismos todos os dias - *mais de mil*

durante os últimos dois anos... Não há um dia, se nos guardarmos puros perante Deus, que Ele não nos dê conversões. *'Os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente'*. Não há coisa alguma neste mundo que tenha valor, a não ser procurar e salvar o que está perdido"

Outra missionária, em "A luta e a vitória de uma moça americana", relata o seguinte:

"Em nosso quarto, na Índia, pendurei um quadro representando um morro escaldado, com apenas algumas moitas de capim aqui e ali. Bem em cima do morro havia uma árvore solitária com quase todos os galhos de um lado inteiramente levados pelo vento e os do outro lado deformados. Em baixo no quadro encontravam-se as palavras: 'Fica firme apesar de não achares mais razão para ficar firme'. A essas palavras acrescentaram o seguinte versículo: *'Ficou firme como quem vê aquele que é invisível'* (Hb 11.27).

"Uma querida jovem, ao ver o quadro, disse-me: 'Memsahib, este quadro, para mim, é o seu próprio retrato. Deus cortou, também da sua vida, galho após

galho e paulatinamente foi removendo os fundamentos terrenos".

Essa moça, comparada assim a uma árvore sem galhos, saíra animadíssima com seu marido para a índia, e os dois passaram o primeiro ano contentíssimos. Então apareceram as negras nuvens; Deus deu-lhes um filhinho e, depois de alguns meses, o retirou para si. Desde o início o marido pedia a Deus que o enchesse com o Espírito Santo a qualquer preço. Mas ela não orava como ele. Depois da morte da criança, porém, ela uniu-se ao marido nessa súplica, mas, ao levantar de cada oração, ela acrescentava: "Oh! como receio o preço!" Então o marido caiu em febre. Ela suplicou e orou fervorosamente e pediu mesmo que o Senhor o curasse. Mas ele faleceu. Durante alguns meses, ela mergulhada em profunda tristeza, parecia esquecida de tudo; só não esqueceu o que era para ela uma tragédia. Foi um ano de densas trevas.

Mas na primavera, Deus enviou-lhe um mensageiro (o Sr. Reginald Studd, de quem João Hyde aprendera

bastante). Foi por meio desse mensageiro que Deus revelou o que Ele desejava ser para todos os seus filhos, tudo em todos, o primeiro entre dez mil, o amigo mais chegado.

Cristo possuía a vida desse homem. O Senhor significava para ele infinitamente mais do que o amigo mais íntimo da terra. Cristo não lhe era apenas o centro de tudo na vida, mas era a sua própria vida. Comungava com Ele, como com um amigo, passando horas a fio com Ele; o íntimo de seu ser brilhava com a glória da sua presença permanente e, em todo o lugar onde andasse, a glória de Cristo se manifestava nele.

Não muito depois de conhecer esse mensageiro de Cristo, ela escreveu:

"Por escrito, consagrei-me a mim mesma, a meu filho (nascido logo depois da morte do seu marido), e a tudo que tenho e tudo que hei de ter ao Senhor para lhe pertencer para todo o sempre. Foi uma entrega incondicional e o Espírito Santo entrou na sua plenitude e começou a dirigir-me para que eu

conhecesse o amor e o gozo e a paz - um conhecimento que ultrapassa o amor, o gozo e a paz que anelei por longo tempo. Entrou no meu coração um sossego profundo. Foram-me reveladas as fecundas riquezas da Palavra de Deus, as quais se tornaram alimento para a minha alma. "Nos anos seguintes, desde então, eu tinha repetidamente de escolher entre dois caminhos; entre o da vida do crente comum, ou o que parecia marcado pelos pés sangrentos do Salvador. E Ele me chamava para segui-lo - o Cordeiro que foi morto. "Esse era o caminho da cruz para mim, mas se transformou em o caminho da comunhão com Cristo".

Mais adiante, ela escreveu *acerca do "mensageiro" que Deus enviara para Punjab* e que tão acentuadamente se deixava possuir por Cristo: "Não me lembro de ouvir esse irmão falar acerca da oração; ele orava. Pregava quatro ou cinco vezes em um só dia. Em tais ocasiões passava a metade da noite em oração, às vezes sozinho, outras vezes com outros. Ele orava".

Nos relatos ligeiros e humildes que essa missionária escreveu, descobre-se a maravilhosa obra que Deus fez por intermédio dela. Às vezes, entre os maometanos, outras entre os indús, e outras entre os missionários. Diz ela:

"Houve muitos fracassos, tempos em que a vida de interesse impedia o que Deus queria fazer. Admiro-me cada vez mais pelo fato de Deus ter podido realizar obras tão empolgantes e significativas, apesar dos meus fracassos, e concedeu-me o gozo de presenciar a sua ação.

"Deus convida a todos os seus filhos, que anelam tal bênção, a entrarem no lugar oculto, dentro do véu, o mais agradável refúgio, onde há paz perfeita e sossego eterno".

Quando eu era menino, havia uma represa d'água perto da casa de meu pai. Lembro-me de como me divertia lançando pedras nas águas. Gostava de seguir, com os olhos, o movimento na superfície das águas, que em círculos crescentes em número e em tamanho, arrebatavam na margem, aos meus pés e em todas as

pequeníssimas enseadas e baías ao redor da represa.

Em Sialkot, também, foram iniciados círculos e ondas de bênçãos de Deus, que continuam a entrar nas "enseadas e baías" do íntimo do coração de grande número de pessoas. Creio que todos os átomos e moléculas da água, na represa perto da casa de meu pai, eram movidos pela força das pedras que lançava nas águas. Somente Deus e os anjos sabem calcular as bênçãos que o corpo de Cristo recebeu pela tremenda força da oração, promovida pelo Espírito Santo, na sala de oração em Sialkot.

Dessas convenções, os pastores, evangelistas e obreiros da Índia regressavam a casa com um novo zelo para servir a Jesus Cristo e eram usados para transformar milhares de pessoas, nos vários campos de trabalho.

A vida espiritual dos missionários foi aprofundada por visões de Deus. Cartas e porções das Escrituras, como lenços e aventais levados do corpo de Paulo, foram enviados, talvez, a todos os países da terra para sarar

os corações desalentados e para orientar e encorajar os que desejavam iniciar a vida de oração. Por certo dezenas de milhares de almas nasceram no reino de Deus como resultado das angústias que sentiram aqueles que oravam em Sialkot. Miríades de pessoas levantar-se-ão, no grande dia, para agradecer a Deus porque dois ou três homens, no Norte da Índia, em nome do Senhor disseram: "Vamos reunir-nos em Sialkot".

SANTIDADE AO SENHOR

Ao relatar cuidadosamente, e com oração, os eventos e ocorrências da vida de meu íntimo amigo, estou muito impressionado com o grande característico da vida de João Hyde, que era a *santidade*. Não digo que a maior coisa da sua vida fosse o espírito de oração, apesar de ele dedicar a sua vida à oração. Não quero enfatizar, sobretudo, o trabalho de ganhar almas; tinha poder em atrair almas a Cristo, porque a sua vida exemplificava a vida de Cristo. Deus diz: "*Segui... a santificação sem a qual ninguém verá o Senhor*". É

bíblico, também, dizer: Sem a santificação ninguém ganhará muitas almas para o Senhor. O próprio João Hyde dizia: "O 'eu' não somente deve morrer, deve ser bem enterrado, porque o mau cheiro da vida interesseira, se não for sepultado, afugentará as almas que querem chegar-se a Cristo". João Hyde não pregou muito sobre sua própria experiência de santificação, mas a sua vida era santa. Sua vida era um sermão. Não falou muito acerca da oração. Ele orava. Sua vida era um testemunho do poder do sangue de Jesus para nos purificar de todo o pecado. Acrescentemos aqui os testemunhos que recebemos de várias pessoas. Poderíamos multiplicar esses testemunhos da santidade desse amado servo de Jesus Cristo, o homem de oração.

Citaremos um trecho de uma publicação do Bispo de Oxford, sobre a santificação:

’, "Não existe um poder tão irresistível como o poder da santificação pessoal. Falta ao crente, às vezes, a oportunidade de exercer seus dons, ou muitas vezes, os seus esforços são mal entendidos, mas o poder

espiritual da vontade consagrada não precisa de oportunidade e pode entrar onde as portas estão fechadas. Nos múltiplos embaraços da vida humana, não há força que opere tão ininterruptamente como a misteriosa, despretensiosa e silenciosa influência que emana da pessoa que não procura o seu próprio interesse. Assim se explica o mistério do poder e da grande influência de João Hyde. Multidões foram constrangidas a cair de joelhos pelas orações que pronunciou, quando cheio do Espírito".

O seguinte é extraído de uma carta recebida por uma irmã de João Hyde:

"Se já existiu um homem de Deus, que se negava a si mesmo e se dedicava ao serviço do Mestre, meu irmão era esse homem".

Assim disse um crente da Índia: "A maravilhosa espiritualidade de João Hyde, foi por algum tempo, tão excepcional, que todos os que a presenciavam, ficavam admirados".

As seguintes palavras são de um missionário à Índia:

"Sentimos profundamente a sua saída, especialmente

os crentes da Índia a sentem. Foi um dos maiores homens de Deus que já conheci, e sua vida foi de incalculável influência".

Um colega, que estudou com ele, escreveu:

"Nunca houve santo na Igreja mais santo do que ele. Deu verdadeiramente a sua vida para Cristo e para a Índia". Outro missionário da Índia escreveu: "Na sua vida de oração descobria-se que era possuído por Cristo. Conversava com Cristo da mesma maneira como se conversa com um amigo, passando horas com Ele. O íntimo de seu ser era iluminado pela presença permanente de Cristo; em todo o lugar onde andava, o povo via a Cristo".

O seguinte foi publicado no Indian Witness:

"Tinha uma influência prodigiosa na Igreja da Índia. Seus sermões, na última convenção em Sialkot, produziram profunda impressão. O povo apreciava os seus discursos em urdu, Punjabi e em inglês; era sempre a sua vida de santidade que dava poder à sua mensagem para produzir fruto".

Ainda outro missionário da Índia escreveu:

"Chegou a ser fiel profeta de Deus. Era homem que falava verdadeiramente por Deus. Homens cultos passavam horas a fio embevecidos ouvindo a sua maravilhosa exposição das verdades que o Espírito Santo lhe ensinava na Palavra de Deus".

Sua palavra era de profeta; sua vida era santificada pela verdade. Certo jovem hindu disse a um missionário:

"Olhe, o Sr. Hyde é para mim como Deus". De fato, apesar de o hindu não o compreender, João Hyde exemplificava a vida de Deus. Cito o seguinte que João escreveu à sua irmã, enquanto ainda em Clifton Springs, N. Y., com data de 27 de outubro de 1911: "Estou ainda acamado, mas descansando e passando muito tempo em intercessão. As oportunidades aqui de ganhar almas para Cristo não são poucas. *Como o brilho da santidade iluminava todas as palavras e atos de Jesus!*" É verdade, querido João, nós acrescentamos com reverência: "Como o brilho da

santidade iluminava todas as palavras e atos de João Hyde!"

O SALMO VINTE E DOIS

Sou grato a Deus pela exposição e comentário, conservados em uma carta escrita à irmã de João sobre esse maravilhoso salmo messiânico. Estou apresentando todo o texto; onde ele fez apenas as referências aos versículos, modifiquei um pouco a disposição, mas as notas foram escritas pela própria mão de João Hyde:

Salmo 22.1,2: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que estás afastado de me auxiliar e das palavras do meu bramido? Deus meu, a ti clamo de dia, porém não me respondes; também de noite, porém não acho descanso".

NOTA: Davi, no tempo deste Salmo, passava por uma profunda e terrível provação e orava, ou mais propriamente, estava em agonia. Era uma experiência tão real e tão horrível que lhe foi revelada a oração de Cristo. Jesus, na profunda agonia e desolação da cruz,

usou as palavras desse primeiro versículo. Parece que Deus lhe respondeu: "Somente por um momento escondi de ti o meu rosto, mas com eterna ternura te socorrerei". Encontram-se nesses versículos os sofrimentos dos perdidos e a vitória dos salvos. O Espírito de Cristo em Davi presenciava vividamente os sofrimentos de Cristo e as glórias que os seguiram. Essa oração, do versículo 1, é o clamor, a voz dos sofrimentos do Inferno, mas emitido por uma pessoa que tem o louvor dos céus no coração.

Versículos 3 a 5, *"Contudo tu és santo, entronizado sobre os louvores de Israel. Em ti confiaram nossos pais; confiaram e os livraste. A ti clamaram, e foram salvos; em ti confiaram, e não foram envergonhados"*.

NOTA: Esse homem que assim orava era um judeu, portanto, disse: "Nossos pais".

Versículos 6 a 8, *"Eu, porém sou verme, e não homem, opróbrio dos homens é desprezado do povo. Todos os que me vêem, zombando de mim, arreganham os beiços, meneiam a cabeça, dizendo:*

Entrega-te a Jeová! que ele te livre, visto que nele tens prazer!"

NOTA: Aqui Cristo está tomando o lugar dos pecadores e suportando o que cai sobre Ele na cruz do Calvário. Está aceitando o lugar e o opróbrio dos pecadores, apesar de Ele mesmo estar sem pecado.

Versículos 9 a 11; *"Tu, porém, és quem me tirou da madre; fizeste-me confiar, estando eu aos peitos de minha mãe, tu és meu Deus. Não te alongues de mim, porque perto está a tribulação, porque não há quem acuda".*

NOTA: Aí está a confiança: *"Fizeste-me confiar"* Ele diz: *"Meu Deus"*, mostrando que tinha o direito em si mesmo de esperar socorro. Não rogava misericórdia, somente socorro, sendo o Cristo sem pecado, merecia o socorro. Contudo, nos seus mais tremendos sofrimentos não há quem acuda.

Versículos 12 a 15, *"Muitos touros se acercaram de mim, fortes touros de Basã me rodearam. Abrem contra mim as suas bocas, como um leão que despedaça e que ruge. Como água estou derramado,*

e todos os meus ossos estão desconjuntados. O meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. Está ressequido, como um caco, o meu vigor, e a minha língua se me pega ao paladar, e pões-me no pó da morte".

NOTA: Cristo, cercado de inimigos e dos mais ferozes adversários, levado até "o pó da morte"- ainda não havia quem o acusasse e Deus se tornara como seu adversário. "Todavia foi do agrado de Jeová esmagá-lo; deu-lhe enfermidades" (Is 53.10). Versículos 16 a 18, "Portanto cães me cercaram; a assembléia de malfetores me rodeou; transpassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos; eles me estão encarando e mirando. Repartem entre si os meus vestidos, e deitam sortes sobre a minha vestidura".

NOTA: Como é vivida essa descrição da cruz! "Posso contar todos os meus ossos". Isso se refere a um período de três anos, ou mesmo à sua vida inteira, mas especialmente aos três anos de tristeza pelo nosso pecado, pelo meu pecado; três anos de vigília em

oração com jejum, às vezes noites inteiras; aos dias e noites de trabalho, ensinando, curando, pregando; e refere-se à mágoa que sentia ao presenciar o pecado e o seu domínio e ruína, ao presenciar a fraqueza e os pecados dos próprios discípulos de Deus!

"Eles estão-me encarando e mirando". Descreve a alma humana, sentindo seus pecados e escondendo-se do olhar dos homens. Descreve os insultos lançados sobre Ele e cujo peso somente os verdadeiramente puros e santos podem sentir!

Descreve, também, o pasmo: *"Como muitos pasmaram a vista dele tão desfigurado estava o seu aspecto que não era o de um homem, e a sua figura não era a dos filhos dos homens"* (Is 52.14). Ficaram atônitos; estava tão emagrecido e acabado. Nisso se descobre a mágoa que sentia por causa do pecado. *"Quem se entristece como eu me entristeço?" "Oh! Tu, Varão de Dores!"*

Versículos 19 a 21, *"Tu, porém, Jeová, não te afastes: socorro meu, dá-te pressa em me ajudar. Livra da espada a minha vida; do poder do cão, a minha*

predileta. Salva-me da boca do leão; sim dos chifres dos bois bravios... tu me respondeste".

NOTA: Novamente clama pedindo socorro, sem ninguém atender; contudo, pela fé foi ouvido. "Tu me respondeste"; "Está consumado", "Nas tuas mãos entrego o meu espírito".

Assim terminaram essas maravilhosas notas, mas ele ainda diz que nos versículos restantes, os 23 a 31, são reveladas *"as glórias que o seguiram"*.

Deus abençoou maravilhosamente essas palavras para transmitir-me uma nova visão do Cordeiro morto desde a fundação do mundo, o qual é digno de *"receber o poder, e a riqueza, e a sabedoria, e a força, e a honra, e a glória e a bênção"* (Ap 5.12).

Mais ainda parece-me que não há outros escritos que revelam tanto a aparência desse amado irmão. Para mim, João Hyde nessas notas, sem pensar em tal coisa, nos deu um retrato de João Hyde.

Doenças e vitórias

CALCUTÁ E O MÉDICO

João Hyde era apenas um homem entre muitos que expuseram suas vidas em prol do serviço de Deus. Quando Neemias foi prevenido da conspiração de Sambalá e Tobias e aconselhado a entrar na casa de Deus e fechar as portas, respondeu: "*Porventura um homem como eu há de fugir? e quem há que, sendo tal como eu, entrará no templo e viverá? Não entrarei*".

Acerca de Jesus está escrito: "*Estando para se completarem os dias em que devia ser recebido no céu, manifestou a firme resolução de ir a Jerusalém*" (Lc 9.51).

Dwight Moody, na última viagem à Inglaterra, sofria do coração. Consultou um médico eminente e foi informado de que seu excessivo labor lhe encurtava a vida. Estava matando-se a si mesmo. Resolveu não se esforçar tanto.

Ao regressar à América, uma tempestade horrenda avariou o navio em que viajava. O navio, o Spree, ficou parcialmente submerso nas águas e os passageiros aflitíssimos recorreram ao Sr. Moody. O fiel servo de Deus orava. Prometeu ao Senhor que se o salvasse do tremendo sinistro nunca diminuiria os esforços para ganhar almas.

Não muito depois da sua experiência no mar, realizou-se a Exposição Mundial em Chicago. Moody ajuntou o maior grupo, talvez, de pregadores, evangelistas, obreiros e cantores que jamais trabalharam juntos em tal obra. Utilizaram-se de salões, armazéns, teatros, igrejas e mesmo tendas de circo. Fizeram magnífica campanha, e Moody trabalhou tanto como nos tempos do seu vigor físico. Alguns meses depois, em Kansas City, enquanto pregava com

todas as forças, o coração do grande evangelista falhou, sua voz calou. Findara a sua obra na terra. Alguns dias depois, em Northfield, ele foi reunir-se ao grupo dos heróis que não consideravam a sua vida como coisa de valor para si mesmos, a fim de ganharem almas preciosas para Jesus.

Um amigo de João Hyde, que vive em Calcutá e que sabe o que é ser desprezado e rejeitado dos homens, dá o seguinte testemunho acerca da vida de oração de Hyde:

"Lembro-me de ouvir W. T. relatar como o nosso querido passou trinta dias e trinta noites em oração, pedindo pela *grande* convenção em Sialkot. Fiquei profundamente impressionado, especialmente por causa do grande contraste entre a sua vida de oração e a minha nesse tempo. Depois, quando havia oportunidade, insisti com Turner para que me contasse mais detalhadamente o que acontecera. Turner, que permanecera vinte e um dias com os dois em oração, disse-me: "Não posso contar essas coisas: nós vivemos com Deus no monte".

Logo após a convenção em Sialkot em 1910, João Hyde pregou durante uma série de conferências em Calcutá. Seu amigo nessa cidade escreveu: "Passou quinze dias conosco e durante todo o tempo estava com febre. Contudo se esforçou, dia após dia, e Deus nos falava, apesar de Hyde sentir-se doente. Eu, também, estive doente durante alguns dias, com dores pulmonares que me impediam de dormir. Passando a noite acordado, notei que João Hyde se levantava e acendia a luz do seu quarto à meia-noite, às duas horas, às quatro horas, e outra vez às cinco. Assim fiquei sabendo que, apesar das vigílias durante a noite e a sua doença, iniciava o dia às cinco.

"Jamais esquecerei as lições que aprendi nessa época! Sempre procurei fugir às noites de oração, achando-me muito cansado à hora de dormir. Nunca pedira a Deus o privilégio de permanecer diante dele durante a noite! Mas nessa noite fui constrangido a pedir essa bênção. A dor que me impedia de dormir tornou-se em gozo e louvor ao entrar em um novo ministério que me foi descoberto, o de orar durante a noite com

outros fiéis servos do Senhor. Ao desaparecer a dor pulmonar, o sono veio e com ele o receio de dormir e perder a comunhão com Deus. E orei: '*Senhor, desperta-me à hora certa*' (Is 50.4). Primeiro foi às duas horas e depois às quatro, quase sem variação. Às cinco horas da manhã ouvia um sacerdote maometano chamar, com voz retumbante e melodiosa, para as orações na mesquita que ficava perto. Regozijava-me todas as manhãs ao lembrar-me de que estava levantando uma hora antes dele.

"Mas João Hyde continuava a piorar de saúde e o tempo da convenção se aproximava. Persuadi-o a ir comigo a um médico. Na manhã seguinte o médico disse: 'O coração está em terríveis condições. Nunca encontrei um caso como este. Está deslocado do da posição normal no lado esquerdo e passou para o lado direito. O Sr. Hyde esforçou-se tanto que agora deve ficar em descanso meses e meses para que o coração possa voltar ao lugar. Que é que o Senhor fez para chegar a essa situação?' O querido Hyde não respondeu, apenas sorriu. Mas, nós que o

conhecemos, soubemos responder: Foi sua vida de incessante oração dia e noite, lutando em oração, com lágrimas, pelos seus filhos na fé, pelos companheiros de lutas, pelos amigos e pela igreja na Índia!"

Essa mesma pessoa escreveu como Deus a ensinou a viver uma vida de oração, seguindo o exemplo de João Hyde e como foi levado a participar também, dos sofrimentos de Cristo, mais e mais profundamente, até chegar ao Getsêmane, onde parecia que tivesse de, sozinho, pisar o lagar da ira de Deus contra o pecado.

"Com zelo anela por nós o Espírito" (Tg 4.5). É o seu anelo mais ardente que vivamos uma vida de comunhão com Ele. Movido por esse ardente desejo, Ele se "levanta" cedo, procurando a comunhão com os homens, batendo sem ser solicitado ou convidado (Is 50.4). Quanto mais aceita a comunhão, se está solicitado ou convidado! Esse fato porventura não torna a oração matutina indizivelmente preciosa e gloriosa?

Ele procura a comunhão conosco porque é o seu

direito e a nossa bênção. Anela entrar em comunhão ao iniciar-se o dia. Ele deseja que lhe reservemos a melhor hora do dia. Se tal privilégio nos pertence, não devemos nós cultivar essa amizade?

Do mesmo modo Jesus, se lhe abrimos o coração, Ele nos vivificará e nos revestirá de poder. Lembremos do Getsêmane! O apelo que o Senhor fez aos discípulos, na hora da sua maior crise foi: "*Nem ao menos uma hora pudestes vigiar comigo?*" O apelo, apesar de ser repetido três vezes, caiu em ouvidos surdos, porque o inimigo os venceu por meio do sono. Ainda ouvimos o Cordeiro sobre o trono, "*em pé, como se estivesse sido morto*", rogando ainda, e agora, nesta época crítica para o mundo, e para a Igreja: "*Nem ao menos uma hora pudestes vigiar comigo?*" A renovação da Igreja dependerá da renovação de nossa vida de oração. Os poderes do mundo vindouro estão ao nosso dispor se queremos reservar algumas horas para essa comunhão com o Senhor, o que é seu supremo e ardente desejo.

E o amigo de Calcutá conclui: "Temos ouvido de

mártires que foram presos e finalmente mortos. Mas, porventura já ouvimos de alguém que se tenha dedicado ao ministério da oração de tal modo que isso o tenha levado prematuramente à sepultura?" "Não, amigo," responde outro irmão na Índia, "não foi uma sepultura prematura, foi a sepultura de Jesus Cristo. João Hyde gastou sua vida, calma e deliberadamente, na Igreja de Deus na Índia". "Quem quer seguir o seu exemplo?"

NA INGLATERRA NOVAMENTE

A visita a Calcutá ocorreu no outono ou inverno depois da convenção de Sialkot em 1910. Na primavera do ano seguinte, março de 1911, ele iniciou a viagem de regresso ao lar e era, como disse o médico, "um moribundo". Não fazia vinte anos que saíra para a obra na Índia, no outono de 1892. Mas certamente eram dezenove belos anos!

Ao chegar a Gales, soube que o Dr. J. Wilbur Chapman e o Sr. Carlos M. Alexander, em viagem evangelística pelo mundo, estavam iniciando uma

campanha em Shrewsbury, João Hyde, com dos amigos assistiu ao primeiro culto. Acerca dos cultos, certo amigo escreveu no terceiro dia: "Regozijamo-nos imensamente nas reuniões, mas reconhecíamos que havia um grande impedimento. Sentimos isso especialmente na reunião dos ministros".

"Vimos, então, que o espírito de súplicas tinha caído sobre João Hyde. Foi evidente, aos que o conheciam, que o peso da responsabilidade que sentia sobre o coração era enorme. Percebíamos isso pelo aspecto dos olhos, pelo semblante compassivo, a falta de apetite e as noites que passava sem dormir".

O Dr. Chapman escreveu numa carta: "Deus, em todas essas longas viagens ao redor do globo, está, na sua graça, constantemente ao nosso lado, ensinando-nos muitas coisas, que nos aumentam grandemente a fé. Primeiramente, mais do que nunca, cremos que a Bíblia é a autêntica Palavra de Deus.

"Em segundo lugar, cremos na oração, também, como nunca antes. Aprendemos algumas grandes lições sobre a oração. Em certo lugar na Inglaterra os

auditórios eram muito pequenos; não parecia possível obter frutos. Mas fui informado de que chegara um missionário da América e que estava resolvido a orar até que Deus derramasse a sua graça sobre a obra. Ele é conhecido como O HOMEM QUE ORA. Logo houve uma grande transformação nas reuniões. O templo ficou repleto de ouvintes e em resposta ao apelo, cinquenta homens se entregaram a Jesus Cristo. Ao sair do culto eu pedi a Hyde que orasse por mim. Ele foi comigo para o quarto, trancou a porta, caiu de joelhos e ficou quieto durante cinco minutos, sem pronunciar uma palavra. Ouvi o meu coração bater e palpitar. Senti as lágrimas quentes correrem-me pelas faces. Reconheci que estava na presença de Deus. Então, Hyde, com o rosto levantado e as lágrimas rolando pela face, suplicou: "Oh! Deus!" Passou mais cinco minutos, pelo menos, calado e, então, quando estava certo de falar a Deus, colocou um braço sobre o meu pescoço e subiram do íntimo do seu coração súplicas, tais que eu jamais ouvira. Levantei-me sabendo, pela primeira vez, o que é orar realmente.

Creemos que o poder da oração é sem limites e o cremos como nunca antes".

O Sr. Carlos M. Alexander relatou à Maria, irmã de João, outros acontecimentos durante essas reuniões. Não foi somente o Dr. Chapman que orou com João Hyde, mas também o Sr. Alexander. Os três passaram quase o dia inteiro juntos, tratando do problema das reuniões. Depois os outros que auxiliavam na obra foram chamados e passaram longo tempo em oração. Então foi que o Espírito se manifestou nas reuniões com tanto poder que todas as barreiras foram demolidas e pecadores começaram a clamar em todos os cantos do templo, pedindo misericórdia.

João Hyde tinha um co-intercessor, nesse tempo, o Sr. Davis, da Liga de Testamentos de Algibeira. Os dois, sentindo o mesmo peso de responsabilidade da oração, tornaram-se íntimos amigos.

João Hyde, depois de passar oito dias nas reuniões, voltou para visitar os amigos em Gales. Ao chegar, no dia seguinte, sentiu-se tão gravemente enfermo que quase não podia falar. Mas com um sorriso balbuciou:

"O peso que senti em Shrewsbury era enorme, mas o peso que o Salvador sentiu, levou-o à sepultura."

Outro escritor refere-se, também, à maneira mencionada acima, de João Hyde pausar depois de enunciar uma frase nas orações, antes de exprimir outra. Escreveu ele:

"Para orar, João Hyde prefere cair prostrado, com o rosto em terra. Depois de enunciar um pedido, permanece calado alguns minutos, e então, repete-o. Depois de repeti-lo, fica novamente calado por algum tempo, antes de repeti-lo de novo. Continua assim até sentirmos que a petição penetrou cada fibra de nossa natureza e ficamos certos de que Deus já ouviu e sem dúvida responderá. Nunca me esquecerei de como orou pedindo que nós abrissemos bem a boca para que o Senhor a enchesse (SI 81.10). Repetiu a palavra 'bem' dezenas de vezes, pausando longo tempo cada vez antes de repetir. 'Bem, Senhor!... bem!... abre bem!... bem!... ' Sentimos profundamente o poder da intercessão, ao ouvi-lo dirigir-se a Deus: 'Oh! Pai... '"

Certa missionária, que trabalhara longos anos na

índia, escreveu:

"Lembro-me de como, durante uma convenção em Jugglepore, no culto de oração ao meio-dia, ajoelhei-me ao lado de João Hyde. Jamais me esquecerei de como se comoveu o meu coração ao ouvi-lo rogar: 'Jesus!... Jesus!... Jesus!... '

"Sobreveio-me um batismo de amor e poder e a minha alma foi humilhada até ao pó, perante o Senhor. Eu tive o bendito privilégio de ver João Hyde novamente na Inglaterra, quando regressava para a América. Apesar de passar deste mundo, a sua grande influência ainda vive".

EM CASA

João Hyde chegou a Nova Iorque a 8 de agosto de 1911. Sofrerá uma severa dor de cabeça antes de deixar a índia. Agravou-se a dor e foi necessário ir diretamente do navio a Clifton Springs, N. Y., para ser operado de um tumor maligno. O médico diagnosticou sarcoma, enfermidade que a ciência não podia curar. Recuperou-se da operação e a 19 de

dezembro foi à casa de uma irmã, a esposa do professor E. H. Mensel, em Northampton, Massachusetts.

Não muito depois de chegar à casa de sua irmã, começou a sentir dores nas costas. Era o terrível sarcoma de novo.

João Hyde faleceu em 17 de fevereiro de 1912. Seu irmão Guilherme Hyde e sua irmã, Maria, levaram o corpo para Carthage, Illinois onde se realizou o culto fúnebre na igreja em que seu pai fora pastor durante dezenove anos. Tive o privilégio de assistir a esse culto e, junto ao ataúde, olhar uma vez mais para o querido rosto. O corpo emagrecera. Mas o rosto era o mesmo, mostrando os mesmos traços de paz, compaixão e firmeza, como quando o tinha visto a última vez em 1901.

Era um dia nublado, gélido e tristonho no cemitério de Moss Ridge, quando o deitamos ternamente ao lado de seus pais e seu irmão Edmundo. Mas eu sei que desaparecerão as nuvens e se dissiparão o frio e o horror do túmulo e que um dia sairá esse homem de

oração e louvor, na semelhança do ressuscitado Filho de Deus!

VITÓRIA

"O último inimigo que será destruído, é a morte" (1 Co 15.26). João Hyde tinha enfrentado tanto esse inimigo, entrando tantas vezes na terra de ninguém para salvar os perdidos, que não se assustou ao travar a última e horrenda luta com ela, em fevereiro de 1912. Quando João Hyde estava na Inglaterra, Carlos M. Alexander levou-o ao seu médico, e depois a uma consulta com três médicos, o seu médico se esforçou para impressionar João Hyde a respeito da gravidade do seu estado. Tanto Carlos Alexander, como o médico, admiram-se ao ver a resignação de João Hyde. Fazia muito tempo que não mais temia a morte e, para ele, o partir e estar com Cristo seria muito melhor.

Encerramos a nossa história da vida de João Hyde com o trecho seguinte da pena do Dr. W. B. Anderson, presidente da mesa que fundou a

convenção em Sialkot:

"João Hyde participava grandemente dos sofrimentos da Índia e travava lutas renhidas para libertar seu povo do pecado. Aos que se mostravam ousados e valentes nessa peleja, Deus concedia maravilhosas visões de vitória.

"Certo dia, faz mais ou menos quatro anos, João Hyde estava contando uma das suas experiências em um dia de oração que se fazia pela Índia. Estava conversando intimamente com amigos: 'No dia da oração, Deus me deu uma nova experiência. Parecia que eu fora elevado muito acima do conflito aqui em Punjab, de onde contemplava a grande batalha de Deus em toda a Índia e, até a distante China, Japão e África. Percebi como antes achamos interesse somente em nosso próprio país e em nossa própria denominação, enquanto Deus agora une apressadamente grupo a grupo e fileira a fileira. Vi como a grande peleja se tornara uma só. Para mim esta é a grande vitória de Cristo. Não devemos ousar pelejar sem reconhecer essa grande batalha mundial em que fazemos parte'.

"Devemos esforçar-nos ao máximo para obedecer implicitamente àquele que olha constantemente para todo o campo de batalha. É somente Ele que sabe colocar cada pessoa no lugar próprio, onde a vida de cada um será mais proveitosa. João Hyde, colocado acima de todo o fragor da batalha, fitava o grande Comandante a quem obedecia em tudo.

"Ao receber notícias na Índia segundo as quais João Hyde, depois de intenso sofrimento na América, fora chamado para o Lar Eterno, pareceu-me que ouvi o brado de vitória ao entrar ele na presença do Rei. A seguir chegou uma carta informando-nos de que ele falecera dizendo: 'Bol, Yisu Masih, Ki Jau', isto é, 'Bradai, a vitória de Jesus Cristo!'

"Lembrei-me, ao ouvir isso, daquele tremendo período da vida do Senhor quando os seus inimigos o cercaram. O Mestre reconhecia que se aproximava o tempo para dar-se a si mesmo em sacrifício. Sabia que se aproximava o momento de os discípulos o abandonarem; de entrar no Getsêmane e sair para o Calvário. Jesus, apesar de tudo isso, disse: *'Tende bom*

ânimo, eu tenho vencido o mundo'. Em seguida, lembrei-me dos dias e das noites que João Hyde passou lutando na Índia pelos escravos do pecado. Lembrei-me de como, depois de horas seguidas de agonia, costumava levantar-se, tendo os irmãos em redor, bradando: 'Bol, Yisu Masih, Ki Jai, ' até que se tornou o grande brado de guerra da Igreja de Punjab. Assim como Ele nos proclamou a presença do grande Vencedor, devemos esforçar-nos para que ressoe por todo o mundo: 'Bradai, a vitória de Jesus Cristo''.

Agora João Hyde não voltará mais às abençoadas convenções em Sialkot. Outros filhos de Deus se ajuntarão nesse lugar de adoração; outros fiéis servos presidirão as multidões que afluirão para as reuniões anuais; mas para o nosso amado irmão Hyde, o ano de 1910 foi o último em Sialkot. Não sabemos por que devia ser assim. Mas apesar de contar apenas quarenta e sete anos, foi levado deste mundo. Certo é que Deus viu a carreira do querido João Hyde maravilhosamente completada. Sete convenções em Sialkot; sete impressionantes anos de oração. Por

certo Deus viu a experiência e o caráter maduros de João Hyde. Certamente Deus reconheceu que ele tinha frutos abundantes para depor aos pés do Senhor da seara, pois "aquele que semeia em abundância, também colherá em abundância".
